

diretório central de estudantes da ua

**A
UNIVERSIDADE
DO
AMAZONAS**

em
duas
monografias { **adriano bessa ferreira**
moacyr marques da silva

concurso promovido pelo **dce** — 1965

1.^a Gestão - 1965 / 1966.



o deo agradece

à secretaria de educação da prefeitura de manaus
(que patrocinou o concurso)

aos professôres

oyama César Ituassú da Silva (direito)
danilo benayon do amaral (economia)
orígenes angelitino martins (filosofia)

que integraram a comissão julgadora

e aos

universitários que prestigiaram esta iniciativa

1362

AmM

1433

do dce

o diretório central de estudantes da universidade do Amazonas, numa realização do seu departamento de cultura, promoveu, no último trimestre de 1965, um concurso de monografias, tendo como tema a universidade do Amazonas. disputando com quatro outros universitários, adriano bessa ferreira e moacyr marques da silva conquistaram os dois primeiros lugares.

publicando os trabalhos classificados, o dce presta sua homenagem

à classe universitária amazonense.

Monografia

Universidade do Amazonas

S U M A' R I O:

I — EDUCAÇÃO

II — SITUAÇÃO ECONÔMICA DA REGIÃO NORTE

III — HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE

**IV — ANÁLISE SÓCIO-ECONÔMICA DA CRIAÇÃO DA
UNIVERSIDADE**

autoria de

Adriano Bessa Ferreira

I — EDUCAÇÃO

Em tôdas as épocas, desde os primórdios da civilização, tem sido a preocupação constante dos povos educar-se. Em princípio, como seria natural, êsse trabalho foi feito empiricamente, e consistia na transmissão aos descendentes das experiências relativas à caça, à pesca e aos serviços domésticos. Os mestres eram os próprios pais. Hoje, já uma complexa rede de estabelecimentos de ensino permite uma educação mais aprimorada ao povo, dentro de um processo sistemático, sem se menosprezar, contudo, a educação assistemática, qual seja, aquela que a família, os amigos, a Igreja, o trabalho, a rua, o jornal, o rádio, etc. veiculam sem um programa preestabelecido. Educar é, pois, tornar o homem apto a enfrentar o mundo.

A evolução teve várias nuances. Outrora, em tempos mui remotos, entre os gregos, o professor era um escravo, a que se denominava de pedagogo. Em nossos dias o mestre é menos pedagogo, porém menos escravo. Da Revolução Francesa para cá, o mundo ocidental tem dado muita importância ao problema do ensino das massas, outrora privilégio dos nobres. Apesar disso, ainda a percentagem de analfabetos em todo mundo é muito grande. E no Brasil atinge a taxa de 48%, consoante o Almanaque Mundial de 1965. No Amazonas, a precariedade das estatísticas não nos permite estabelecer um "quantum". Não há de ser menor. E talvez até seja muito mais elevada.

Os governos, tanto federal como estadual e municipal, têm-se empenhado no sentido de reduzir o índice de analfabetos. E', todavia, problema que independe de suas vontades, pois tem raízes na nossa economia, que reciprocamente a afeta. Somos um país subdesenvolvido. Onde buscar recursos para educar, se mal e às vezes nem temos para comer?!... De sorte que a tarefa vem sendo distribuída entre Estado e particulares.

Muito se tem de fazer ainda a prol do nosso desenvolvimento cultural, que padece não apenas da carência de recursos financeiros, senão de uma reformulação de seus métodos. E' imprescindível — e quem o diz é Ama-

ral Fontoura — que a escola não se ocupe apenas com as matérias do currículo, mas também com a pessoa do educando. E é dêle, ainda, que um aluno não cresce espiritual e mentalmente porque sabe de cor os 30 pontos de um programa de ensino. Em verdade, aprender não é decorar, é modificar-se. E dizia bem Aristóteles ao afirmar que só é útil o conhecimento que nos faz melhores. Portanto, devemos saber escolher os nossos mestres, de quem dependem os bons alunos, porque havendo bons mestres haverá boas escolas e havendo boas escolas, haverá bons discípulos. Somos de quantos se aliam à tese de que a vadiagem de nossos alunos é uma consequência, e não uma causa.

Se não atentarmos para o encadeamento dos programas, do primário ao superior. Se não insistirmos em que o bom professor não é aquêle que reprova, mas o que aprova. Se nos esquecermos de que ninguém deixa de estudar por nada, então continuará a haver reprovações em massa, de molde a desestimular o estudante, a desencorajar os pretendentes ao estudo das ciências das letras. Por que se nega ao estudante o direito de revisar sua prova, de conhecer seu êrro, de procurar corrigir-se? Um professor que assim o faz está inseguro ou dotado de má fé, é um ignorante ou um mau. O aluno não deve continuar sob o tacão de seu mestre, mas deve tê-lo como orientador o amigo.

Quanto ao aspecto físico e tendo em vista o índice de crescimento da população brasileira teremos de construir pelo menos 10.000 escolas rurais, quando o fazemos em média 2.000.

No Amazonas, a rêde de prédios escolares que atende às necessidades do Estado é, segundo informações oficiais, quase inexistente. Há superlotação de tôdas as unidades escolares na capital e no interior. O Govêrno se esforça para construção de 96 unidades escolares, de ensino primário; 25 unidades de ensino médio.

Como se vê, o problema da educação é complexo.

II — SITUAÇÃO ECONÔMICA DA REGIÃO NORTE

Sem conhecermos a complexidade do problema educacional e o nosso atraso econômico, face aos demais Estados, jamais poderemos aquilatar o quanto do esforço representou a fundação da Universidade do Amazonas e quão importante ela é para o desenvolvimento desse Estado, sequiso de técnicos em máquinas e na própria educação, de agrônomos, médicos, químicos, dentistas, engenheiros etc., que venham aproveitar as nossas energias e nos dar um lugar ao sol junto aos nossos coirmãos do Sul.

Vejamos:

O Amazonas pertence a uma região — a Região Norte — de menor densidade demográfica do país, onde 72,3% estão vinculados ao setor rural, ainda que somente 38,9% dessa percentagem contribuam para a renda interna gerada. Um terço do Produto Bruto da Agricultura prende-se à atividade extrativa vegetal destinada à exportação, sendo carente em alimentos, que importa de outras localidades. É uma região das mais subdesenvolvidas, cuja renda interna (61,1%) é de responsabilidade da população urbana. O setor industrial é precaríssimo e os fatores ecológicos não ajudam a atrair capitais, por isso que a indústria cresce numa média de 3,7% ao ano, quando a média nacional é de 11% anuais. Nossa participação na renda agrícola cresceu de 1950 para 1960 de 50%, não sendo os Estados do Pará e Amazonas responsáveis por tal acréscimo, pois que demonstramos pouca estabilidade na produção agro-pecuária. Os cálculos federais mais otimistas, não admitem a possibilidade de superar os fatores de estagnação do nosso desenvolvimento, porque nossas técnicas são primitivas e não usamos máquinas nem produtos químicos. Últimamente, só a pimenta, malva e juta têm-se expandido, ocupando o lugar das culturas de subsistência. O método de exploração pecuária continua extensivo, ou seja ineficiente. Igualmente é a produção extrativa da borracha e demais atividades, inclusive a extração madeireira.

Dispondo de 3,9 milhões de kw, em potencial hidráulico, à luz dos dados estatísticos mais recentes, ainda não pôde a Região' Norte usar dêstes recursos energéticos, que é um dos fatores adversos à transformação de sua estrutura produtiva. Assim, enquanto o país possui 5.205 mil kw de capacidade instalada, a Região Norte se limita a 65,8 mil, ou seja, 1,26% do país. E o Amazonas apenas 6.014 kw, vencendo os Territórios de Rondônia e Roraima e Estado do Acre, cabendo a cada habitante 8 w, enquanto a média nacional atinge a 73 watts, o que já é pequena comparada à média internacional. E' certo que êsse quadro pouco animador já sofreu grande alteração para melhor, mais do dôbro, com as diversas unidades geradoras instaladas nos Estados constituintes desta Região, da qual o Amazonas não se omitiu e cujos dados não podemos ainda precisar. Todavia, de par com as ampliações locais, foram feitos também grandes melhoramentos no Sul, o que nos mantém em posição semelhante ao acima descrito, ao confrontarmos nossos recursos energéticos instalados com os dos demais Estados da Federação, não sendo pois suficientes para propiciar o impulso das atividades industriais que poderiam tirar-nos do subdesenvolvimento, já porque o grande consumo é quase todo feito por setores não industriais: residências, praças, etc.

Enquanto os demais Estados, no que tange ao sistema rodoviário, se interligam ao resto do país por estradas, os obstáculos que a natureza nos impõe são tamanhos que somos obrigados a permanecer ilhados, salvando-nos tão-somente quanto ao transporte aéreo que ultrapassa o limite de deslocamento de passageiros. Fora disso, restringimo-nos — e aqui já não falamos da Região Norte, mas do Amazonas — ao transporte por aquavias, que nos possibilita alcançar os bens intercambiados com o resto do país e com o exterior, sacrificado embora pela desorganização dos nossos portos, numa média de movimentação de carga em estadia de 6 toneladas, que onera de forma ponderável o deslocamento de bens e diminui profundamente a oferta de transporte, levando as emprêsas estatais a correr em socorro.

O governo, todavia, não tem se alheiado do problema. Compreendendo a importância do transporte fluvial no Estado, tem procurado por todos os meios vencê-lo. E, falando de nossa infra-estrutura econômica, no seu "Plano de Desenvolvimento Econômico e Social", assim se expressa: "A posição da administração estadual face ao problema condiciona-se, sobretudo, à perspectiva das decisões do nível federal, sendo de observar que não basta considerar a questão tão-somente em termos de recursos. Deve-se acrescentar o regime de operação da navegação fluvial, em particular quanto a pequenas e médias empresas locais, dentro de estatuto e legislação pertinente à navegação interior. Tal disposição, que representa matéria de competência federal, mostra-se sobremaneira urgente, uma vez que, na sua falta, utilizam-se inadequadamente de preceitos e imposições tradicionais vigentes na navegação costeira".

Todos os problemas foram, no aludido Plano, amplamente apreciados e equacionados pelo governo local, que assim confirma o que dissemos quanto a sua disposição de solvê-los ou de minorar os seus efeitos negativos.

III — HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE

A Fundação Universidade do Amazonas foi criada pela Lei n.º 4.069-A, de 12 de junho de 1962, publicada no Diário Oficial da União — Ano CI — N.º 120, Quarta-Feira, 27.6.62. Teve por objetivo criar e manter a Universidade do Amazonas, instituição de ensino superior, de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural, como expressa o Art. 3.º da supracitada Lei. Pelo mesmo diploma legal a Universidade deveria compor-se dos seguintes estabelecimentos de ensino superior:

- a) Faculdade de Direito do Amazonas (Lei n.º 924, de 21.11.49);
- b) Faculdade de Engenharia;
- c) Faculdade de Farmácia e Odontologia;
- d) Faculdade de Medicina;
- e) Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras;
- f) Faculdade de Ciências Econômicas do Amazonas.

O Decreto n.º 53.699, de 13 de março de 1964, publicado no Diário Oficial da União — Ano CII — N.º 51, em 16.3.1964, instituiu referida Fundação.

Das faculdades acima mencionadas, já funcionam as de Direito, Filosofia, Ciências e Letras; e Ciências Econômicas, estando em pauta para o próximo ano, as demais.

Quando ainda Manaus não guardava mais do que cinquenta mil habitantes, com todos os seus hábitos e maneiras provincianas, tivemos já uma Universidade: A Universidade de Manaus. Fôra uma utopia do professor Francisco Antônio Monteiro, chegado de Portugal e França, outrora os modelos do Brasil. Correspondia provavelmente à fase do “rush” da borracha, quando todos se encontravam “impregnados da volúpia do enriquecimento fácil”, — para repetir aqui a expressão de João Nogueira da Mata. Havendo dinheiro a rôdo, também se gastava à vontade, sem planos, apenas para dar vazão à moeda e às vaidades. Naquele tempo o Amazonas vendia borracha na importância de 2.735 mil contos de réis, que era uma soma fabulosa, a julgar-se pelo que o Brasil vendia de café, equivalente a 2.282 contos de réis.

Francisco Antônio Monteiro trouxe a idéia, concretizada, “graças sobretudo ao idealismo formidável, audacioso até, de Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves”, no entender do escritor e professor Aderson de Menezes.

Iniciada em fins de 1908, com o nome de Escola Militar Prática, teve sua denominação posteriormente mudada para Escola Livre de Instrução Militar do Amazonas, depois, em 17 de janeiro de 1909, para Escola Universitária de Manaus, até denominar-se, a seguir, de Universidade de Manaus, cujo fim já então seria ensinar as matérias que compunham as das três armas, cursos de engenharia civil, agrimensura, agronomia, indústria e outras especialidades, curso de ciências jurídicas e sociais, curso de farmacêutico e bacharel em ciências naturais e farmacêuticas, curso de ciências e letras e outros cursos, com preferência um curso médico.

“A História da Faculdade de Direito do Amazonas”, obra do doutor e jurista Aderson de Menezes, fala, com riqueza de detalhes, dêsse trabalho hercúleo, que foi a criação da Universidade de Manaus. Alguns cursos dos previstos chegaram a ser iniciados. Porém, todos êles murcharam com o tempo, em favor da Faculdade de Direito do Amazonas, que chegou até os nossos dias, para o orgulho de todos os amazonenses, ainda que historicamente não encontremos uma explicação convincente.

Houve, sem qualquer sombra de dúvida, uma seleção natural. O por quê, não sabemos. Senão devido aos ideais renovadores surgidos em decorrência da Revolução Francesa, que ainda àquela época permanecia bem forte. Eram os direitos do homem a exigir Direito.

Orgulho, como dissemos ainda agora, de todos os amazonenses, a Faculdade de Direito se constituiu, todavia, um mal que hoje lamentamos, à luz das novas interpretações do que seja cultura. Formamos durante decênios uma plêiade de homens cultos, versados, porém, apenas nos segredos da literatura, com pálida noção das demais ciências. Da medicina, da engenharia, da ciência da ordem social da riqueza, nada. Por isso que, sendo tamanha a avalanche de bacharéis em ciências jurídicas e sociais, alguns deles feneceram jogados no anonimato, menos pela incapacidade do que pela concorrência. Outros foram ser poetas ou jornalistas. Não havia, contudo, outra alternativa. Ou ser advogado ou ser nada. Ou ser literato ou ser coisa nenhuma. E a literatura enfada se não promove meios de subsistência.

O Direito é bonito. Mas só conduz a divagações intelectivas. Oscila na razão direta das mutações emocionais da humanidade. E suas regras são aceitas apenas por convenção, sempre tendentes a ser desrespeitadas.

Da Faculdade de Direito, lucrou o Amazonas, apesar disso, o que não deixou de ser uma ajuda bem substancial, os nomes de alguns mestres e homens públicos do mais alto gabarito, duramente selecionados na enxurrada de diplomados, a quem devemos o nosso claudicante mas ainda único progresso, se se pode chamar de progressivo o nosso estado atual. Foram quantos, invadindo outras searas, pontificaram nas mais variadas ativi-

dades, seja no magistério ou na política, à semelhança de verdadeiros "faz-tudo". E a eles devemos inegavelmente — e a quem poderíamos dever?! — a criação da Universidade do Amazonas, atual e grande cabeça-de-ponte de nossa evolução.

Seria injusto ou despropositado, na presente conjuntura, pretender-se palmilhar o caminho da Ciência das Leis? Não. O Direito não é apenas o conjunto de princípios a reger a vida em sociedade, e que os reis atribuíam a si, por acharem que só deveriam prestar contas a Deus, segundo a tese galicana defendida na Inglaterra por Jaime I e em França por Boussuet. O Direito é também independente do tempo e do lugar, alheio e superior à vontade dos soberanos, consoante o afirmava Hugo Grotius. E, portanto, há de existir sempre os seus vanguardeiros, alguém que, conduzido pela vocação, seja capaz de se impor a tôdas as injustiças, a todos os pessimismos, a fim de levar bem alto seu objetivo.

No entanto, estudá-lo, já não é hoje uma imposição à juventude, com tantos horizontes em decorrência da criação da Universidade do Amazonas.

IV — ANÁLISE SÓCIO-ECONÔMICO DA CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE

Já atrás falamos da importância da educação, truismo a respeito do qual nos negamos a prosseguir em maiores detalhes. A educação sistemática, se possível fôsse compará-la, fa-lo-íamos com comprimidos de saber; enquanto a assistemática, esta empírica, que recebemos do convívio com os nossos irmãos, conseqüente do ambiente social, seria aquela ministrada a colheradas. O homem, naturalmente, vive, sem o sentir-se, educando-se. Mas quando falamos em educar é educar disciplinadamente, coordenadamente, racionalmente. Educar assim é pois tão importante que não se pode conceber o mundo moderno, qualquer espécie de progresso sem ela — a educação. Só através do aumento do cabedal de conhecimentos podemos penetrar nos segredos das ciências, e trazer maior bem-estar à humanidade. Sem educação somos, como nos diz Amaral Fontoura, "prêsa fácil de crendices e supertições", incapazes de controlar

os nossos sentimentos mais grosseiros, mais primitivos. Segundo dados estatísticos mostrados pelo sociólogo em aprêço, no ex-Distrito Federal em um ano, foram cometidos 5.151 crimes, dos quais 5.016 praticados por analfabetos ou com instrução rudimentar. Ou seja, o crime está na razão direta da ignorância. E sem educação, não há progresso social.

A finalidade do ensino superior é preparar especialistas altamente classificados, alargando a mentalidade do homem em relação aos problemas do universo, por isso que Universidade, para que ele possa compreender o mundo, sentir a vida, contornar os seus obstáculos ou transpô-los. As Universidades devem portanto possuir laboratórios, institutos, departamentos de estatística, de conformidade com cada ramo do conhecimento a ministrar, sem o que não corresponderá à sua finalidade.

Aí a importância, para o Amazonas, de sua Universidade. Através dela nos sobreporemos, pela formação de técnicos, pela ampliação do discernimento do homem, pela concessão de conhecimentos especializados, sobrepôr-nos-emos ao subdesenvolvimento do nosso Estado. Eis que — como bem assevera o governo local em seu Plano de Desenvolvimento Econômico e Social, edição deste ano — pretende fugir à tradição de que a formação de profissionais liberais se deve fazer apenas para atender às solicitações do mercado de trabalho, no nosso caso escasso, “dentro das limitações impostas pelo processo lento da evolução econômica do país”.

Cedo o governo se apercebeu de que o subdesenvolvimento é, a par de outros motivos, resultante da ignorância intelectual. Sem técnicos; sem profissionais; sem agrônomos que conheçam o amanho da terra por métodos científicos; sem químicos capazes de promover a combinação dos átomos para gerar adubos, solventes ou outros processo de progresso; sem engenheiros, senhores dos segredos das construções de estradas, pontes e fábricas; sem médicos, os verdadeiros procuradores de Deus para curar; sem cultura, que pode fazer um povo? Que

pode fazer¹ um povo incapaz de avaliar sequer o volume de sua pobreza, o grau de seu atraso, as riquezas do subsolo de sua pátria ou a arte de construir u'a máquina? Que pode fazer um povo ignorante até da noção científica de poupança, que não conhece o manejo das contas e que somente saiba Leis?

Não foi sem motivos que a Alemanha, após a última catástrofe bélica, soergueu-se rapidamente ao nível que hoje se encontra. Era o pleno emprêgo do conhecimento de sua gente. Cada homem da rua era um técnico, um cientista, capaz de fazer do nada, tudo. E' certo que não se pode ignorar a ajuda norte americana através do plano Marshall. Mas, que seria aqui um milhão de marshall, um oceano de dinheiro entregue a um povo inculto? Que seria uma montanha de areia monazítica nas mãos de um leigo?

Parodiando Archimedes diríamos: "Dê-nos cultura e levantaremos o mundo". Jamais concordaremos com os espíritos pessimistas que crêem a Amazônia irrecureável! Jamais comungaríamos com o determinismo geográfico de Frederico Ratzel, segundo o qual o homem se deixa dominar pelo meio físico! E o fazemos espelhadoss nos exemplos de Israel, transformando desertos em pomares. Se o homem vence o espaço sideral, por que não vence a Amazônia?

Nossa região tem de ser olhada como um mundo à parte, com soluções que lhe sejam peculiares. Tem de ser sentida por seus próprios filhos. Se deram aos israelitas um deserto como pátria, que fazer senão transformá-lo em seu próprio lar, com condições de vivência?!... Se nos deram a nós a Amazônia, por que não transformá-la em nossa Casa?!...

A Universidade do Amazonas veio dar-nos estas condições. Hoje não precisamos locomover-nos para outras plagas, a fim de amealhar os conhecimentos necessários à nossa sobrevivência aqui. Outrora, éramos tangidos

de nosso lar pelas circunstâncias. E noutras terras, aprendíamos os seus hábitos e costumes, aprendíamos a amar aquêlo povo, ao ponto de, já dotados de cultura, não desejarmos mais voltar ao convívio de nossos pais. Agora, não. Aprendemos "in loco" a solucionar os nossos problemas.

Felizmente a consciência jovem despertou para o assunto, compreendendo a importância da nossa Universidade. E tanto que, logo criada, e iniciados os primeiros cursos, homens de tôdas as idades, obedecendo a um impulso instintivo, foram tomando seus lugares nos bancos universitários, o que deu lugar a tão entusiástico volume de candidatos aos cursos de Ciências Econômicas, Contábeis, e a ânsia da abertura das matrículas para os de Administração, Engenharia, Medicina, etc., em pauta. De par com êsses interesses, não tem descuidado a Reitoria, nem o Governo, ambos de mãos dadas, patrocinando cursos pós-graduação, à semelhança do Curso de Análise Econômica, que visa a aprimorar os nossos mestres no ramo, e à formação de novos, em condições de suportar a grande avalanche, a formidável demanda intelectual.

Dentro em pouco, já não será o Amazonas aquêlo miserável Estado a imolar os seus seringueiros, a fim de sobreviver. Já não viverá de mãos estendidas a pedir os favores da defesa da borracha. Já não se constituirá um dos mais pesados reboques do Brasil. E terá o seu dia de glória, conseguida à custa da inteligência, da cultura que nos proporcionará a nossa própria Universidade.

— BIBLIOGRAFIA : —

- 1 — INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA — Amaral Fontoura
- 2 — ALMANAQUE MUNDIAL — 1965 — Seleções de Reader's Digest
- 3 — EXPOSIÇÃO GERAL DA SITUAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL — 1962 — Conselho Nacional de Economia
- 4 — PLANO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL — 1965 — Governo do Estado do Amazonas
- 5 — FLAGRANTES DA AMAZÔNIA — João Nogueira da Mata
- 6 — HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DO AMAZONAS — Aderson de Menezes
- 7 — FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO AMAZONAS — Lei 4.069-A
- 8 — GEOGRAFIA ECONÔMICA — Pierre George
- 9 — MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA — Raymond Barre
- 10 — TEORIA ECONÔMICA — A. W. Stonier e D. C. Hague
- 11 — MACROECONOMIA — F. S. Brooman

Monografia

Universidade do Amazonas

autoria de

Moacyr Marques da Silva

Entre os monumentos que dão a uma cidade o seu grau de civilização e adiantamento, que a enobrecem e lhe proporcionam um justificado orgulho, tais como: Museus e bibliotecas; Templos e Obras d'Arte; Palácios e Estátuas; Praças d'Esportes ou Teatros, avultam, pela singular importância que encerram e traduzem, os Cadinhos austeros e inconspicuos do saber humano — as Escolas, os Colégios, as Academias, as Faculdades e as Universidades!

São as Universidades, pela substância da sua qualidade e número, o índice seguro, infalível e demonstrativo da auto-determinação de um povo ou de uma comunidade em construir um futuro estável mas, elástico e promissor! Amplo na dádiva de melhores e mais dignas condições de vida a seus membros e, alviçareiro para as gerações que vierem a suceder-lhes!

A sociedade contemporânea caminha a passos agigantados e céleres na rota e em busca de aprimoramento intelectual, cultural e científico, indiscutivelmente necessário ao comportamento do homem moderno, em função e, diretamente ligado ao bem estar comum!

Do estudo específico ou eclético, resulta o clima almejado e imprescindível à consecução desse objetivo primordial no alcance de elementos favoráveis e propiciatórios à vitória do homem sobre o ambiente hostil!

São tais as tarefas de alta e conspícua responsabilidade que o mundo moderno determina aos seus componentes, que não mais é viável entregar os comandos vitais à sobrevivência da humanidade, a homens que não possuam um elevado quociente intelectual e cultural, com largo e preciso descortínio sobre a magnitude do complexo encargo que lhes vier a ser atribuído!

Aos técnicos e, deles, os mais capazes, compete o dever maior dos planejamentos e suas consequentes realizações, de programas efetivos e produtivos, objetivando o saneamento total dos problemas que nos assediam e nos entravam!

Na Era Espacial, altamente científica e descentralizada, extintos que foram os monopólios cerebrais, com funções específicas e especializadas para cada um, medram em terreno sáfaro as condições medíocres do indivíduo, cessam as oferendas da sorte, e são natimortos os entraves da adversidade!

Hoje em dia, é obsoleta a identificação e inconcebível a comunhão, da vitória advinda da sorte, ou, da derrota alicerçada pelo azar!

Passado é o tempo, já, em que o saber e a competência não eram fatores essenciais para atingir posições de mando ou situações firmes e dominantes em qualquer dos ramos das atividades sociais, inclusive, nas altas esferas financeiras!

Longe vai a época em que a sorte, o amparo ou o apadrinhamento eram valores constantes e impositivos para a obtenção e preenchimento de cargos de elevada hierarquia e de bastos proventos!

E' vã a idéia e estéril o esforço, na tentativa de construir e consolidar as bases de uma comunidade harmônica, sadia e progressista, sem os elevados ensinamentos oriundos de cursos universitários!

Está superada a fase das Bandeiras! Das conquistas pela força e pela audácia! A vitória, hoje, há que ser conseguida pela inteligência, pela instrução e pelo saber!

A Amazônia e, particularmente ao Amazonas, até há pouco tempo atrás, foi destinado e, fielmente cumprido, o exercício de figurante secundário e inexpressivo no concerto geral e global das atividades produtivas do nosso imperturbável e sonolento Brasil! Pode, esse tratamento, ser considerado com uma injustiça praticada contra o setentrião brasileiro? Não! Era apenas o reflexo, a volta do seu a seu dono!

Que fizemos nós, até então, senão alardear as nossas riquezas incomensuráveis, sem nos recordarmos de ter atendido ao princípio mais elementar, à curial premissa do preparo intelectual do homem em função direta e precípua do aproveitamento e da exploração da terra, da nossa gleba, fecunda e pródiga? Quem, a não ser o técnico, poderá constituir-se na alavanca que desnudará os nossos fabulosos tesouros ocultos pela natu-

reza no solo e sub-solo amazônico e, muito mais ainda, soterrados nas imensas galerias da nossa terrificante e pleonástica ignorância?

Que entidade poderá ofertar-nos um técnico autêntico e hábil, capaz de retribuir a mãos cheias e em quantidades infinitamente superiores, o resultado construtivo do saber que adquiriu? E' óbvia a resposta! Só de Universidades podem emanar homens que centralizem e justifiquem a confiança de seus concidadãos, na solução e no êxito de problemas de real interesse coletivo!

Ao proclamarmos fátuamente a nossa vastidão geográfica e a cornucópia dos nossos valiosos produtos regionais, em contraposição, ungidos da mais completa humildade, temos que confessar a nossa incúria no preparo de homens aptos ao amanhã da terra que virgem nos foi legada, e que, na prevalência do nosso descaso, virgem será levada até aos nossos filhos e netos!

De soluções empíricas, está repleto o cesto das desilusões amazônicas! De promessas mirabolantes, ri-se o mordaz caboclo nativo!

Que conceito farão de nós os amazonenses de amanhã, se constatarem a nossa criminosa displicência, nosso imprudente e imprevidente conformismo, ao ter-lhes negado o sacratíssimo direito de obter, embora àrduamente, um título, um pergaminho que autentique e auxilie o seu legítimo desejo de vitória, na infinda luta pela vida?

Deveremos legar-lhes, apenas, nossa falsa concepção de grandeza? A tola vaidade em nos proclamarmos donos das maiores áreas e volumes, posseiros d'um imenso latifúndio, rico mas improdutivo pela falta de varões para fecundá-lo?

Ficarão os homens amazônicos do porvir, satisfeitos e felizes por receberem como herança, sòmente, melancólicas lendas e narrativas em que são cantadas a beleza e o donaire das Yaras e das Vitórias-Régias, o rugir das pororocas, as fascinantes nuances das auroras ou o matiz sem par dos belos ocasos de nossa terra?

E' justo que continuemos a permitir-nos a perene humilhação de não possuir na contextura e no todo da nossa gente, médicos, engenheiros, arquitetos, eletrotécnicos e químicos, botânicos e zoólogos, analistas ou geotécnicos, enfim, tôda a gama de expoentes de um povo, todos amazonenses estudando e formando-se em Faculdades, sob a cúpula de uma Universidade do Amazonas?

Não deveremos, de modo algum, continuar na espera passiva, na apatia cômoda, no pensamento estulto de que os outros Estados nos mandarão os seus especialistas! Tanto quanto nós, eles sentem a angústia, a falta de homens habilitados para o comando de ações inadiáveis e capitais na seara do desenvolvimentismo nacional!

Seria irrisório e pueril, até, conjecturar que, das Universidades brasileiras sai o "quantum" necessário, de técnicos e mestres, exigidos pelo Brasil, para o seu próprio progresso! Essa escassez persistirá e aumentará dia a dia, ano a ano, n'uma progressão algébrica e inquietante!

Não sobram técnicos ao Brasil! Nada sobrará para o Amazonas!

E' um dever indeclinável de cada brasileiro, que pensa sèriamente no grande futuro vaticinado ao Amazonas por estudiosos e sábios de renome internacional, promover a imediata instalação da Universidade do Estado do Amazonas, para que assim, possamos oferecer à juventude do nosso Estado a tão almejada possibilidade de lhe proporcionar uma instrução técnica e científica de nível universitário, prenhe de conhecimentos e de real utilidade ao soerguimento das condições de vida desta vastíssima, rica e ainda inviolada região!

Com o funcionamento, que se torna imperioso, da Universidade do Amazonas, surgirá um transcendental estímulo à mocidade estudantil de nossa terra, e êsse fato, servirá, sem dúvida, para estancar o êxodo pungente de milhares de jovens que, por anos a fio, vêm-se

desligando do Amazonas, na febril procura de outros meios mais avançados de cultura, onde possam saciar a sua sede avassalante de conhecimentos superiores, que aqui lhes são negados face à absoluta carência de Estabelecimentos de Ensino Superior!

Tem que ser posta em destaque, a realidade de que quando um jovem amazonense se afasta de sua terra, não vai sozinho! Com ele vão arrastados pelos fortes e indissolúveis laços afetivos, seus pais e seus irmãos! E, assim, de família em família, inexoravelmente, prossegue a mutilação intelectual do Amazonas! E, desse modo continuará, interminável e prejudicial, num filete perene, engrossando e ampliando a legião de dezenas de milhares dos que daqui se foram virtualmente desligados da terra que lhes foi berço, completamente desinteressados de um meio que não lhes facultou elementos compatíveis à instrução de grau de seus descendentes!

Para que nos livremos da pecha de apáticos e preguiçosos hereditários, que nos foi lançada por nossos irmãos sulinos, e não recebamos o apêlo de incapazes e inoperantes, ajudemos a erigir o Marco da emancipação científica e cultural do Amazonas, e que servirá, ao mesmo tempo, como um elemento decisivo de fixação, de enraizamento do homem à terra mater!

Leguemos aos nossos descendentes o dote altíssimo da sabedoria que brotará, pelo ensino e pelas palavras de seus lentes, da Universidade do Estado do Amazonas! Desses mesmos mestres que, hoje alienígenas, serão amazonenses num próximo e radioso futuro!

Comunguemos na decisão irrefreável de conseguir que a efetivação da Universidade do Estado do Amazonas ultrapasse a barreira da Utopia, saia do círculo vicioso das conjecturas prolixas e se projete n'uma realidade cristalina e confortante, para o bem do Amazonas e do seu povo!

Rompamos o véu espesso da ignorância que nos amortalha e que ameaça confirmar-se como o epitáfio adequado à morte inglória do gigante letárgico e impúbere!

Rasguemos uma janela bi-dimensional para que, por ela, num futuro não muito remoto, possam nossos filhos descortinar um horizonte sem mácula, num panorama deslumbrante de luz, da luz ofuscante que cintila da Verdade, a síntese filosófica de tôdas as ciências!

Draguemos o Rio da Esperança para que a Universidade do Amazonas, a Nave do Saber, singre com segurança as suas águas plácidas e nos conduza ao pôrto seguro do Progresso!

Pela cultura demorada e cuidadosa se chega ao fruto sumarento e apetecido!

Arroteemos o inapreciável pomar intelectual de um Amazonas, criado e predestinado a revelar-se como celeiro mundial!

E' árdua a jornada e longo o caminho!

Do estudo meditado, da perseverança inamovível e de trabalho construtivo e ordenado, sairão os vencedores do empuxe simbólico que projetará o Amazonas para o quadrante positivo da realidade que ocorre no Brasil — o país do Futuro!

Resulta, do observado, a necessidade inadiável e inarredável, a um Estado da União que tem sobre si a esmagadora responsabilidade de possuir as maiores reservas potenciais do país, em minérios, materiais estratégicos, metais e pedras raras, reservas infindáveis de celulose e petróleo, oleos comestíveis e medicinais, produtos fixadores, uma incidência fabulosa em alimentos piscosos, madeiras das mais variegadas espécies apropriadas às mais diversas construções, carvão de pedra do mais alto teor, calcáreo de primeira água para as indústrias de olaria e cerâmica, enfim, quase tôda a longa lista de matérias primas exigidas pela demanda contemporânea, é estritamente imprescindível, repito, a tomada de uma posição definida e decisiva a prol da exploração racional de seus elementos de riqueza.

Para que isso se realize, torna-se obrigatória a união espontânea de todos os seus valores intelectuais, disciplinados na observância da tecnologia moderna, dispostos e decididos ao abandono, ao divórcio integral do rito ortodoxo, ancestral e antieconômico da exploração da terra ao ritmo desordenado das toupeiras!

Há que ser implantada no Amazonas a decisão coletiva e inabalável de se promoverem as forças desejadas e requeridas para o banimento da inércia que nos tolhe, fator que nos conduzirá ao caminho da auto-suficiência construtora!

Nem só o trabalho sol a sol, o despreendimento, a boa vontade e o patriotismo ou o regionalismo, por si sós, serão bastantes para se conseguir a legião técnica e especializada que comandará e vencerá a batalha da nossa emancipação sócio-econômica!

Para que êsse climax, benéfico e salutar seja atingido, indiscutível se torna o cuidado assíduo e constante, infatigável e meticuloso no preparo educacional e intelectual dos milhares de jovens amazonenses, ou de outros Estados que aqui vivem, comungando na angústia de se saberem em solidão na senda que medrosamente trilham, tentando alcançar um alto coeficiente de conhecimentos científicos que os colocarão em relevo, à luz meridiana!

Neguem o pão a um esfaimado; a água a um sedento; o bálsamo a um sofredor; a fé a um incrêdo; a esperança a um desgraçado e o estudo a um homem! Não há o que diferir! O crime é o mesmo!

Manter um homem na ignorância, embora por descaso, é demonstrar à saciedade o desejo de mantê-lo em escravidão física e mental, no desejo imperioso do mando, fugaz e insustentável!

Há que cultivar a inteligência e o saber, sem o que, nem um povo conseguirá o seu digno lugar na História!

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM**